

Mentes (des)obstruídas

Em diversos momentos da história ocidental cristãos como Agostinho, Bach, Newton, Pasteur, Lewis e Maxwell dominaram o mundo do pensamento, da educação, da música, das idéias e da pesquisa. A excelência de suas mentes deu-lhes destaque e serviu de cartão de visitas da fé cristã.

Atualmente, ética, prática e espiritualidade cristã permanecem, mas a influência intelectual cristã é difusa. Como ser pensante, o cristão de hoje rende-se à secularização com excessiva freqüência.

Há várias razões para esta rendição. Uma solução é recuperar a aspiração perdida de desenvolver uma mente sadia e atuante. Afinal, somos chamados por Deus a cuidar de nossas mentes:

- A renovação no “espírito de nossas mentes” é fundamento do “revestir-nos do novo homem”, isto é, do exercício de nossas vidas como novas criaturas (Ef 4.22-24).
- O maior mandamento é o de amar a Deus com nossos corações, almas e mentes (Mt 22.37).
- O cristão escapa da conformidade e transforma-se continuamente pela “renovação de sua mente” (Rm 12.2).

Crescimento intelectual é mais do que simples acúmulo de informações; este reduziria o aprendizado a metas triviais e nos colocaria em perigo de estarmos “sempre aprendendo, mas nunca podendo chegar ao pleno conhecimento da verdade” (2Tm 3.7). Uma mente madura faz conexões, percebe motivações e visões do mundo por trás de idéias e comportamentos à nossa volta.

Numa sociedade que não dá muito valor ao pensamento profundo e amplo, o que impede o desenvolvimento de nossas mentes? Respostas típicas poderiam ser:

- “Nossa sociedade celebra a mediocridade e esforço concentrado não é valorizado. Para que buscar maior realização intelectual se posso atingir meus sonhos no nível intelectual em que estou agora?”;
- “A vida é tão agitada. Gostaria de ter tempo para coisas intelectuais, algum curso ou leitura, mas preciso trabalhar para contribuir com o orçamento familiar. Mas tenho dificuldade de concentração após um dia longo e difícil. Quando chego em casa, relaxo diante da TV.”;
- “Sonho com um futuro especial e creio que Deus pode dá-lo num milagre, o ‘meu’ milagre. Nunca percebi a importância de uma mente sadia, capaz de discernir a vontade de Deus”.

Tais respostas ilustram barreiras que levam uma pessoa a evitar ou mesmo temer o crescimento intelectual. São barreiras com raízes em valores pessoais e culturais. Apontemos nossos holofotes para estas barreiras e cuidemos de sua remoção...

A barreira da informação

Esta barreira ao desenvolvimento da mente pode assumir duas formas. A primeira é a do excesso de informação. Segundo pesquisas correntes, anualmente são criados mais de cinco exabytes (5×10^{18} bytes) de informação. Isso equivale a um CD de informação para cada pessoa no planeta. Com tanta informação muitos desistem até mesmo de tentar aprender. É como tentar beber água no vertedouro de uma usina hidrelétrica: o esforço parece não valer à pena.

A segunda forma que a barreira da informação pode assumir é a falta de informação. Muitas vezes pessoas são impedidas de receber as informações de que precisam: às vezes ensino e educação são substituídos por doutrinação, outras vezes barram a si próprias. Alguns querem conhecer somente aquela fatia de informação que explica ou apóia seus próprios pontos de vista. Porque desperdiçar tempo com o que supostamente é falso ou com algo do que talvez não se goste?

Superar a barreira da informação requer um compromisso com o verdadeiro aprendizado e o reconhecimento de que nós não podemos saber tudo. Perceber o nexos das coisas está na base do amadurecimento de nossas mentes. Pensar em termos de visão do mundo ajuda-nos a ver ampla e

profundamente. Por isto não se deve ter medo do que está "lá fora". A exposição prudente ao mundo das idéias permite que nós compreendamos nossos próprios pontos de vista no contexto.

O ideal é ilustrado por Daniel e seus amigos em Babilônia. A eles Deus permitiu “um conhecimento profundo dos escritos e das ciências” (Dn 1.17). Este conhecimento secular não somente aumentou o compromisso de Daniel e seus amigos com Deus, mas deu-lhes um lugar especial no palácio: “Todas as vezes que o rei fazia perguntas a respeito de qualquer assunto que exigisse inteligência ou conhecimento, descobria que os quatro eram dez vezes mais inteligentes do que todos os sábios e adivinhos de toda a Babilônia” (Dn 1.20).

A barreira da influência

Muitas manifestações da cultura contemporânea exaltam os valores rasos da aparência, da moda, do consumo e das posses em detrimento de tudo que esteja ligado à personalidade, ao caráter e à mente. Em nossa sociedade existe, subliminarmente talvez, uma barreira de influência que exerce forte pressão a favor da mediocridade intelectual.

A única forma de superar esta barreira é optar por valorizar a mente, o que começa nos lares e deve ser estimulado na escola. Mas para tornar-se um valor cultural, o apreço de metas intelectuais precisa também ser adotado por outros. Todos precisamos de estímulos positivos de amigos e colegas para crescer. Paulo deixou-nos um exemplo neste sentido: “meus irmãos e minhas irmãs, encham a mente de vocês com tudo o que é bom e merece elogios, isto é, tudo o que é verdadeiro, digno, correto, puro, agradável e decente” (Fp 4.8).

A barreira da intrusão

Às vezes a vida agitada desvia-nos de alvos relacionados à mente. Distrações provêm, por exemplo, do entretenimento que satura nossa sociedade. Expressões da cultura popular freqüentemente apelam a emoções e instintos e não às nossas mentes, porque “o deus deles é o corpo” (Fp 3.19). Com centenas de canais de televisão, iPods, telefones celulares e Internet, praticamente não há momentos sem entretenimento ou distração ao nosso alcance.

Precisamos conscientizar-nos de que todas as expressões culturais (filmes, canções, programas da televisão, livros) têm em seu núcleo uma visão do mundo. “Examinem tudo” – e não “experimentem tudo” – diz-nos Paulo, indicando que devemos acompanhar nossa cultura constantemente com uma mente ativa e crítica. A importância do pensamento alerta e crítico é ressaltada também por Pedro: “continuem alertas... e não deixem que a vida de vocês seja dominada por aqueles desejos que vocês tinham quando ainda eram ignorantes” (1Pe 1:13-14). Na presença de uma mente ativa e crítica, o que era distração pode transformar-se em catalisador para o crescimento pessoal, levando a uma visão mais ampla e uma compreensão mais profunda das tendências ao nosso redor.

A barreira da intimidação

A barreira da intimidação é uma barreira do medo. Em muitos contextos informação externa pode ser percebida como um inimigo a ser combatido ou evitado. Estarrecidas com perguntas finais, e oprimidas por uma percepção de falta de sentido, algumas pessoas escolhem evitar a busca por respostas e optam por “embriagar-se” com entretenimento e clichês. Outras pessoas receiam aprender algo que possa perturbar seus interesses ou o que acreditam ser verdade.

Quem se conforma com o medo do desconhecido muitas vezes pressupõe que ignorância torna a vida melhor e mais fácil. John Lennon, por exemplo, cantou, “viver é fácil com os olhos fechados”.

Muitas pessoas acham que devem limitar o tipo de informação a que se expõe, para não perder o

controle. Elas já decidiram o que crerão ou conhecerão e acham que não precisam de informação adicional. Para que perder tempo aprendendo? Muitos não confiam na sua habilidade de processar idéias e conceitos contrários à sua própria opinião. São incapazes de explicar a esperança dentro deles (1Pe 3.15). Outros nem sequer têm tal esperança e tentam convencer-se de que não precisam dela.

O medo do desconhecido pode ser superado avaliando as fontes de informação e reconhecendo que não estamos sozinhos na nossa busca pela verdade. Viver não é fácil com os olhos fechados. Vida verdadeira começa quando o medo é superado pela confiança na verdade. Bons livros que discutem os desafios ao cristianismo podem fornecer direção ao pensamento e ajudar a desenvolver confiança e consciência da realidade.

A barreira da indiferença

A indiferença é a barreira ao crescimento pessoal que devemos temer mais. Ela não está somente na raiz de todas as outras barreiras, mas é sintoma de um tédio que afasta compromentimentos. "Quem se importa?" torna-se a "resposta" padrão a qualquer pergunta relevante.

Ser indiferente a assuntos importantes infelizmente é valorizado na cultura ocidental de hoje. Há uma banda de rock cujo nome é "Maximum Indifference" (indiferença máxima), na MPB existem "canções de indiferença", etc. Mas não podemos ser indiferentes à indiferença, pois ela tem o potencial para corroer civilizações. Elie Wiesel (Prêmio Nobel da Paz, 1986) declara: "O oposto do amor não é o ódio, é a indiferença. O oposto da arte não é a feiúra, é a indiferença. O oposto da fé não é a heresia, é a indiferença. É o oposto da vida não é a morte, é a indiferença".

Superar a barreira da indiferença é uma escolha pessoal. De fato, todas as barreiras serão vencidas apenas com compromisso pessoal, uma mudança interior, uma decisão de agir.

Muitos passam por períodos de sérias dúvidas. São "surrados" por ataques em salas de aula ou por tentações em ambientes que frequentam. Suas dúvidas são agravadas por cristãos e não-cristãos com visão estreita. Às vezes são oprimidos por falta de conhecimento ou simplesmente não se importam o suficiente para procurar. Frequentemente ficam receosos do que poderão encontrar ou de que falharão.

Precisamos ter coragem de confrontar desconhecimento e dúvidas com honestidade. Quem é Jesus realmente? A Bíblia é verdadeira? É inerrante? Será que o Cristianismo é apenas uma de muitas escolhas aceitáveis? Precisamos buscar a Verdade com inicial maiúscula. Somente assim descobriremos que a verdade não é somente o conhecimento de fatos, mas também o conhecimento da Pessoa que disse: "eu sou o caminho, a verdade e a vida" (João 14: 6). É preciso buscar, estudar, aprender. Com coragem e prudência, mas sem medo e sem reservas.

Karl Heinz Kienitz é doutor em Engenharia Elétrica pela Escola Politécnica Federal de Zurique, Suíça, em 1990, e professor da Divisão de Engenharia Eletrônica do Instituto Tecnológico de Aeronáutica. (www.freewebs.com/kienitz)

Este artigo foi motivado por um texto de William Brown, presidente da Cedarville University, EUA, <http://www.cedarville.edu/president/fearfactors.htm>.